

# Aprendizados de uma RBA: homenagem à antropologia de Natal <sup>1</sup>

**Carmen Sílvia Rial**

A nossa diretoria era formada por Ellen Woortmann (UnB) como vice-presidente; Renato Athias como secretário-geral; Manuel Ferreira Lima Filho como secretário adjunto; Maria Amélia S. Dickie (UFSC), eleita mas que não pôde permanecer por motivos de saúde, sendo substituída por Andrea de Souza Lobo (UnB), eleita como tesoureira adjunta e que prontamente se responsabilizou pelas finanças. Completando a diretoria, nós tínhamos Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ), que me sucedeu na presidência da ABA e foi muito crucial no diálogo com a Fundação Ford; Márcia Calderipe Farias Rufino (UFAM), nosso apoio no Norte; Heloísa Buarque de Almeida (USP), que nos ajudou muito financiando, através do FAPESP, vários pesquisadores de São Paulo; e Carlos Steil (UFRGS), que trouxe a

---

1 Não vou me estender muito sobre nossa gestão na ABA, na qual Ellen Woortmann (UnB) era a vice-presidente e Renato Athias (UFPE) o secretário, pois abordei com detalhes em outro evento deste ciclo de “esquenta RBA”, na PUC de Minas Gerais, e nele discorri mais em detalhes sobre o que fizemos. A gravação está no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=nGS97kbDc7Y>. É uma honra participar deste evento e uma satisfação grande estar dividindo a tela com o João Rickli (UFPR), Miriam Grossi (UFSC), e especialmente, com o professor Ruben Oliven (UFRGS), nosso eterno mentor, com quem eu aprendi tanto na vida, inclusive sobre a gestão da ABA. Ruben Oliven sempre foi um conselheiro de poucas, mas muito eficazes palavras. Lembro-me de ele dizer, por exemplo, que a principal função do presidente de uma instituição é conseguir financiamento para ela. Assim, meu primeiro ato como presidente da ABA foi buscar recursos na Fundação Ford; tivemos sucesso, entregando a Antonio Carlos de Souza Lima, que nos sucedeu na presidência da ABA, metade dos 300 mil dólares que obtivemos

experiência da CAPES e atualmente está na Comissão Editorial de Livros Científicos (CELCA) da ABA.

## Comunicação, internacionalização e interiorização

Se tivesse que destacar três facetas de nossa gestão (2012-2014), seriam a comunicação, a internacionalização e a interiorização. Na comunicação, deu-se sequência ao que vinha sendo feito já na gestão anterior, de Bela Feldman-Bianco, na qual participei como diretora. Fizemos a ABA ingressar no mundo das redes sociais, com página de Facebook e perfil no Twitter (agora denominado como X), uma iniciativa de Felipe Fernandes (na época doutorando na UFSC e hoje professor da UFBA). Demos continuidade também ao informativo da ABA, que, Claudia Fonseca (UFRGS) tinha criado na gestão do Silvio Coelho dos Santos (UFSC) e Ruben Oliven digitalizou.

Continuamos a consolidar a revista ViBrAnt, iniciada na gestão do Gustavo Lins Ribeiro (UnB) com o propósito de internacionalizar a antropologia brasileira por meio da publicação de artigos em língua estrangeira. E expandimos os canais de comunicação, criando a TV ABA e a *Novos Debates*, uma revista acadêmica direcionada principalmente a estudantes de pós-graduação. Atualmente no seu nono ano, a revista é editada por Vinicius Kauê Ferreira (na época doutorando na EHESS e hoje professor na UERJ), que participa do projeto desde o início, Mariane Pisani (UFPI), e Estevão Rafael Fernandes (UNIR). Na origem da TV ABA, está o Alex Giuliano Vailati (hoje professor da UFPE, na época bolsista de pós-doutorado na UFSC).

Quanto à interiorização, nosso enfoque foi semelhante ao que Andrea Zhouri (UFMG) está fazendo agora, mas não por meio de webinários na TV ABA, que são um dos legados da pandemia de Covid-19, mas de modo presencial. Percorremos o Brasil, realizando encontros presenciais em várias cidades, não apenas nos grandes centros mas também em cidades menores, com departamentos e/ou cursos de pós-graduação de antropologia. Com o financiamento da Fundação Ford, tivemos a oportunidade de realizar

oficinas sobre laudos e promover reflexões acerca de quilombolas e populações indígenas. Esse percorrer o Brasil, levando a ABA, foi muito importante, e deu continuidade ao esforço de gestões anteriores, como as de Ruben Oliven e Guita Debert (UNICAMP) e a de Miriam Grossi e Peter Fry (UFRJ).

Em termos da internacionalização da antropologia brasileira, acredito que nossa gestão teve uma contribuição significativa para o reconhecimento da ABA. Participei ativamente no WCAA (Conselho Mundial de Associações Antropológicas), inicialmente como diretora (*Organizing Committee*), sendo eleita na reunião de 2014 em Taiwan e, posteriormente, como vice-presidente (*Deputy Chair*), numa eleição bastante disputada na Croácia. Posteriormente, assumi a presidência (*Chair*) na VI reunião de Delegados da WCAA, em 2018, que ocorreu como um pré-evento do Congresso Mundial de Antropologia da IUAES, em Florianópolis.

Neste tempo, mantivemos um diálogo muito bom com a Associação Americana de Antropologia (AAA), e em grande parte graças à mediação feita pela Bela Feldman-Bianco, na reunião da AAA em São Francisco, em 2012<sup>2</sup>. E assim, pudemos dar continuidade à interlocução com essa que é a maior associação nacional de antropologia no mundo<sup>3</sup> e incrementar com aquela, a WCAA, fundada no Brasil em 2004, durante a reunião da RBA de Recife. Essas ações de internacionalização ajudaram na disseminação de nossa antropologia e aumentaram o reconhecimento internacional. E tiveram diversos reflexos. Recentemente, durante uma reunião com Wenner-Gren Foundation, em que estavam Andréa Zhouri e Miriam Grossi, Danilyn Rutherford, sua presidente, mencionou que o Brasil é hoje o segundo país em número de propostas apresentadas para a Wenner-Gren, superando muitos países de língua inglesa. Estamos planejando ampliar ainda mais essa presença brasileira nos editais da Wenner-Gren por meio de atividades

---

2 Por uma causalidade acadêmica, eu estava fazendo um pós-doc na Universidade de Califórnia em Berkeley e pude participar dessa reunião da AAA.

3 Ainda que sem o mesmo brilho que Bela alcançou – ela, por exemplo, criou a sessão “World Anthropologies” na revista *American Anthropology*, publicando textos de antropólogos de países do Sul Global.

como os webinários com tradução para o português e a oficina sobre redação de projetos que ocorrerá na 34ª RBA, com o objetivo de melhor estruturar as propostas de financiamento de antropólogos do Brasil para essa e outras instituições financeiras internacionais.

Entre as questões centrais enfrentadas na época pela ABA, destaco três: os impactos da hidroelétrica de Belo Monte, o controle de ética na pesquisa e a ameaça de uma cisão na associação. Estávamos no governo da Dilma Rousseff, acompanhávamos com temor a construção da Belo Monte, buscando modos de evitar danos maiores à população indígena e ao meio ambiente. A atuação da Comissão de Assuntos Indígenas (CAI), liderada pelo João Pacheco de Oliveira, foi fundamental no encaminhamento de negociações, incluindo interações diretas com o ministro José Eduardo Cardozo.

O segundo foi em relação ao controle da ética na antropologia, que nos levou a diálogos com Ministérios e à formação do Fórum de Ciências Humanas Sociais e Ciências Aplicadas, ainda ativo, uma iniciativa da ABA e da ANPOCS, então presidida por Gustavo L. Ribeiro.

Esses eram temas que já estavam presentes em gestões anteriores. O terceiro e novo tema foi a ameaça de uma cisão da ABA, com a possível formação de outra associação focada em antropólogos atuando fora do meio acadêmico. Conseguimos manter a unidade da ABA ao dialogar com antropólogos do Ministério Público Federal que lideravam esse movimento, ampliando seu espaço dentro da associação.

## Vozes do Nordeste – ou de legados e invenções

Voltemos ao tema do nosso encontro: “Vozes do Sul”. Fui formada pela UFRGS e trabalho na UFSC. Ruben apresentou a antropologia no Rio Grande do Sul e a Miriam a de Santa Catarina – adoraria falar sobre o papel de Sílvio Coelho dos Santos na ABA, por exemplo, mas seria repetir o que Miriam disse. Então, o que resta? Muito, na verdade. Resta-me falar do Nordeste, e homenagear os meus colegas de Natal, no Rio Grande Norte, que fizeram

a maior Reunião Brasileira de Antropologia de todos os tempos, de 3 a 6 de agosto de 2014<sup>4</sup>!

Tivemos na 29ª RBA em Natal 3.800 inscritos, sendo 2.322 mulheres e 1.455 homens, além de três autotranscritos como “outros”. Esses participantes vieram de diversos estados do Brasil, com o Rio de Janeiro liderando, pelo número de cursos e pela proximidade, com 647 inscritos E participantes de vários lugares do mundo, alcançando um recorde de 138 estrangeiros. A Argentina enviou o maior número de colegas, 34; seguida por Portugal, com 25; Espanha e França, 12 cada; e Estados Unidos, 11.

Naquela ocasião, tivemos 33 mesas redondas (em Belo Horizonte teremos 73), 19 Simpósios Especiais e 83 GTs (104 estão programados para Belo Horizonte). Como não conseguimos acomodar todas as propostas, organizamos 23 grupos de Comunicações Coordenadas<sup>5</sup>.

Na 29ª RBA tivemos inovações e prosseguimentos; afinal, as RBAs sempre prosseguem com o legado das anteriores. Por exemplo, continuamos com a Abinha, criada na gestão de Miriam Grossi, na 25ª RBA, de Goiânia, para acolher e proporcionar atividades lúdicas e educativas para as crianças que acompanhavam os participantes. Mantivemos também o diálogo com a cidade, uma característica marcante da 28ª RBA da gestão de Bela Feldman-Bianco, com eventos organizados em museus de São Paulo. Em Natal, realizamos um pré-evento da 29ª RBA com uma exposição sobre os índios do Nordeste, com curadoria de João Pacheco de Oliveira, no Museu Câmara Cascudo. A inauguração, que teve ampla cobertura da imprensa, contou com a presença dos indígenas representados nas fotos, que enriqueceram a exposição com seus comentários e suas memórias em um momento emocionante do encontro.

---

4 De fato, eu não tinha percebido isso, mas Antonio Carlos de Souza Lima (UFRJ) destacou isso em uma fala e confirmei que, em termos de números, a 29ª RBA foi a maior já organizada até hoje.

5 Os anais desse encontro estão disponíveis em: <https://evento.abant.org.br/rba/29RBA/#>

Na RBA de Natal, também demos continuidade a ideia de pré-eventos introduzida na RBA de Goiânia. Foram dois pré-eventos: um sobre museus etnográficos, coordenado por Julie Cavnac (UFRN), Manuel Ferreira (UFG e vice-secretário da ABA), Regina Abreu (Unirio) e Renato Athias; e outro sobre laudos, coordenado por Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF) e Cíntia Muller (UFBA).

Na prateleira de inovações, destaco a ideia de conferências na forma de duetos. Vi este formato pela primeira vez na reunião da Associação Canadense de Antropologia (CASCA), em conferência compartilhada por Jean e John Comaroff (Harvard University), em Toronto (2007), e achei excelente. Assim, a conferência inaugural da 29ª RBA foi um dueto com Richard e Sally Price (William and Mary University), que está publicada no livro *Diálogos Antropológicos*, da editora da ABA<sup>6</sup>. Tivemos também uma conferência dueto com os antropólogos indígenas Gersem Baniwa, da UFAM, e Tônico Benites, o primeiro indígena doutor formado pelo Museu Nacional, atualmente atuando na Secretaria Estadual da Educação do Mato Grosso do Sul, que protagonizaram a primeira conferência de indígenas em uma RBA.

A ideia do dueto, em substituição às palestras solo, foi inspirada pelo congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA) em Vila Real (2013), no qual “duetei” com Miguel Vale de Almeida (ISCTE). Na RBA de Natal, tivemos três duetos: um sobre as fronteiras da etnografia, com Hélio R. Silva, hoje Lili Raym (UFSC), e Cláudia Fonseca (UFRGS). Outro, sobre o futuro das cidades, com Ruben Oliven e Mônica Heller (na época, presidente da AAA), e o terceiro foi sobre gênero e sexualidade e as perspectivas contemporâneas em um mundo globalizado, com Niko Besnier (Universidade de Amsterdam) e Maria Filomena Gregori (Unicamp).

Outra inovação que destaco na 29ª RBA foi o formato para o lançamento dos livros. Sempre me senti desconfortável com o modo tradicional de lançamento de livros, onde o autor fica atrás de uma mesinha assinando

---

6 <http://portal.abant.org.br/aba/publicacoes/publicacao-000087>

autógrafo, como se esperasse ser convidado para dançar em um baile. Assim, criamos um evento de lançamento que incluía uma apresentação oral dos livros, realizada em dois auditórios pequenos, uma prática adotada nos congressos da APA. Tivemos a apresentação de mais de 30 livros e foi muito gratificante ouvir os autores e as autoras, ainda que por poucos minutos. De fato, houve um pequeno contratempo, porque o coquetel deveria ocorrer logo após as apresentações, mas começaram a servir antes, no espaço em frente aos auditórios e, evidentemente, gerando muito barulho – lembro-me de ter subido em uma mesa para pedir silêncio às pessoas. Apesar disso, foi muito bonito ver aqueles livros todos sendo apresentados, e é uma pena que esse formato não tenha continuado nas RBAs posteriores.

## Abertura

O encontro ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mas a abertura ocorreu no Centro de Eventos de Natal, em Ponta Negra. Pessoalmente, considero complicado ter apresentações artísticas nas aberturas de congresso porque os gostos estéticos variam muito. Tem quem goste de música de paredão, tem quem goste de música clássica. No entanto, Julie Cavignac, coordenadora da Comissão Cultural do congresso, nos convenceu a contratar a Orquestra Sanfônica do Seridó (sediada na cidade de Parelhas, localizada na região do Seridó, no Rio Grande do Norte) para a abertura da RBA. Eram 40 músicos que viriam de ônibus que alugamos e tocariam músicas de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Sivuca, Dominguinhos, enfim, músicas tradicionais do Nordeste. Temia que não desse certo e, de fato, o ônibus atrasou bastante; mas chegaram, tocaram, e foi muito bonito. Lembro que, na saída, Peter Fry (UFRJ) comentou: “Essa orquestra foi uma das coisas mais lindas que eu já ouvi na vida!”.

Também inovamos ao organizar um café sertanejo em vez de coquetel na abertura. Os participantes comeram antes de entrar no auditório do Centro de Eventos; por isso, o atraso da orquestra de Seridó não causou maiores problemas. O que mais posso dizer sobre o encontro em Natal?

A logística foi extremamente complicada. Conseguimos financiar muitos participantes: 120 receberam as passagens de avião e a hospedagem, e cerca de 380 participantes receberam cobertura apenas para o hotel. O aeroporto tinha sido inaugurado recentemente em um local bastante distante da orla, onde se localizavam os hotéis. Por isso, decidimos organizar o transporte do aeroporto aos hotéis. Seguindo a tradição de economizar o máximo, eu queria cobrar uma taxa dos participantes por esse transporte. No entanto, a Comissão local alertou: “Melhor não cobrar, porque aqui os taxistas têm um lobby muito forte e isso pode dar problema”. E foi um conselho sábio. Realmente enfrentamos problemas: os taxistas bloquearam um dos ônibus na estrada, e nós tivemos que apresentar uma lista para provar que não estávamos cobrando nada por aquele transporte. Outro ônibus até foi apedrejado. Quer dizer, os 505 (para ser bem exata), que foram financiados pela RBA, tiveram também transporte do aeroporto, um luxo raro, nunca vi algo assim em congressos internacionais. Isso ocorreu apenas no trajeto de ida, pois organizar o retorno seria mais complicado, devido à variedade de dias e horários de partida dos participantes.

### A assembleia final: prêmios e política

Outra inovação importante da nossa gestão foi a criação do Prêmio Heloísa Alberto Torres, em 2014, para dissertações de mestrado. Nós já premiávamos por contribuição à Antropologia brasileira e a ABA com a Medalha Roquette Pinto; tínhamos o Prêmio Antropologia e Direitos Humanos para doutorado, mestrado e graduação; tínhamos o Prêmio Lévi-Strauss para pôsteres de Iniciação Científica, que estava na sua quinta edição; o Prêmio Pierre Verger (filme etnográfico, fotografia e desenho); mas não tínhamos prêmio para dissertação de mestrado. A diretoria se reuniu e resolveu criá-lo. Por isso, consultamos o Conselho da ABA para que aprovasse o prêmio e foi a ex-presidente da ABA, Mariza Corrêa (Unicamp, falecida em 2016), quem sugeriu homenagear uma antropóloga brasileira em vez de uma estrangeira, como era a ideia inicial. Assim, foi criado o Prêmio Heloísa



Alberto Torres. Sua primeira edição ocorreu durante a RBA de Natal. Aqui sim, temos vozes do Sul porque os três premiados foram da UFRGS: primeiro lugar foi para Juliano Almeida, orientado por Carlos Steil; o segundo lugar, para um orientando de Arlei Damo; e uma menção honrosa para um orientando de Ruben Oliven.

Os prêmios, sendo recompensas acadêmicas, foram entregues na Assembleia final. Esta evidenciou também a força política da ABA, por meio das moções apresentadas.

Na 29ª RBA, foram apresentadas doze moções que refletiram as preocupações políticas da época: uma moção apoiando os palestinos na Faixa de Gaza, quatro sobre quilombolas, uma sobre povos tradicionais e grandes projetos, duas da Comissão de Assuntos Indígenas, uma do GT indígena, duas assinadas por associados sobre patrimônio e uma sobre psicoativos, defendendo a não punição de usuários.

## Agradecimento final

De modo geral, a 29ª RBA em Natal mostrou a importância da comissão local. A programação de uma RBA é o resultado de uma longa organização. No caso da RBA de Natal, a organização foi toda realizada localmente, sem o apoio de uma empresa de eventos. Decidimos não contratar uma empresa após uma péssima experiência com a responsável pela organização da RBA de São Paulo (na gestão de Bela). Ellen Woortmann (UnB), que era vice-presidente da ABA, ajudou significativamente na organização. Fizemos várias visitas a Natal, a convite dos colegas, para dar aulas, palestras, e aproveitamos essas ocasiões para realizar reuniões com a comissão local.

A comissão executiva foi presidida por mim e coordenada pela Elisete Schwade (UFRN); contou com Andrea Lobo (UnB), Renato Athias (UFPE), Manuel Ferreira Lima Filho (UFG), Julie Cavignac (UFRN) e Lisabete Coradini (UFRN). A comissão local contou com os docentes do departamento de Antropologia: Elisete Schwade, Carlos Guilherme do Valle, Rozeli Maria Porto, Francisca Miller, Lisabete Coradini, Eliane de Freitas, Maria

José Freire, Chiara Pusetti, Edmundo Pereira (UFRJ, na época professor em Natal), Rita de Cácia Neves, José Glebson, Jean Segata (UFRGS, também professor em Natal na época), Juliana Melo (que ajudou na Secretaria), Isabel Dantas e Flavio Rodrigo Ferreira (ambos do IFRN) e 14 discentes voluntários do PPGAS, PPGCS e IFRN<sup>7</sup>.

A ABA deve muito a esses colegas. Eles prepararam os cartazes indicando as salas, compraram o vinho para o coquetel e organizaram toda a logística do evento que foi realmente muito grande.

De modo geral, a 29<sup>a</sup> RBA, de Natal, mostrou que a comissão local é muito importante. Repito que a ABA tem uma carinhosa dívida com os colegas da UFRN. Devemos um agradecimento especial aos colegas da UFRN e, certamente, à Secretaria da ABA, que estava bem estruturada em Brasília desde a mudança para a UnB. Liderada por Carine Lemos e com a ajuda de Roberto Pinheiro, eles foram fundamentais na preparação e organização do evento, auxiliando a coordenar um grande número de discentes voluntários.

O formato adotado e o grande número de participantes resultaram em um saldo positivo para a ABA, mas questiono se repetiria a ideia de realizar um congresso sem o suporte de uma agência de eventos, devido ao grande trabalho envolvido, que se estendeu a outras instituições além da UFRN, como o Instituto Federal e o Museu Câmara Cascudo, além de instituições no interior do Estado. Foi uma aventura gratificante, que trouxe aprendizados e fortaleceu amizades, mas exigiu muito esforço.

Com a realização da 29<sup>a</sup> RBA em Natal penso que nossa gestão cumpriu com os seus objetivos principais, aumentando o alcance da ABA devido a uma comunicação eficiente, à sua interiorização e à internacionalização, e ecoando o legado de gestões anteriores, ao mesmo tempo em que projetou para o futuro, para as próximas gestões, o papel acadêmico e político da nossa associação.

---

7 A Comissão de Comunicação foi formada por Felipe Fernandes (UFBA), Alex Vailati (UFSC) e Yuri Rosa Neves (UFSC); a Comissão de Identidade Visual, por Marina Moros (UFSC), Natalia de Souza (UFSC) e Cristhian Cajé Rodríguez (UFSC).